

# AQUILOMBOLAR-SE: EXEMPLO DE RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO DE NOVA JATOBÁ, EM CURAÇÁ-BA

## AQUILOMBOLAR-SE: EXAMPLE OF IDENTIFICATION RESSIGNIFICATION FROM THE ASSOCIATION OF NOVA JATOBÁ, IN CURAÇÁ-BA

Roberto Remígio Florêncio **1**  
Anne Gabrielle Silva Martins **2**

**Resumo:** O presente trabalho é fruto de uma pesquisa na Comunidade Quilombola de Nova Jatobá no município de Curaçá-BA. Buscou-se investigar como acontece a organização política do território quilombola e como tal organização permeia o processo de construção, ressignificação e afirmação das identidades dos sujeitos das comunidades, tendo a associação quilombola como agente fundamental para apoiar as comunidades em suas lutas diárias. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo junto as lideranças do território, como critérios de inclusão, com o intuito de perceber quais caminhos foram traçados para constituição da associação e como durante décadas acontece a mobilização coletiva entre os quilombolas, inclusive evidenciando as principais dificuldades enfrentadas. Percebeu-se então que são travadas lutas diárias em que a associação se torna de fato a principal mobilizadora para que as comunidades conquistem seus direitos e (re)afirmem suas identidades, em um exercício de decolonização e ressignificação sociocultural para a comunidade do norte baiano.  
**Palavras-chave:** Identidade. Quilombos. Decolonização. Organização Política.

**Abstract:** This work is the result of an investigation in the Quilombola Community of Nova Jatobá in Curaçá, Bahia, Brazil. We sought to investigate how the political organization of the quilombola territory takes place and how this organization permeates the process of building, reframing and affirming the identities of the subjects of the communities, with the quilombola association as a fundamental agent to support communities in their daily struggles. For this, a field investigation was carried out with the different leaders of the territory in order to perceive which paths were drawn for the constitution of the association and how collective mobilization among Quilombolas occurs for decades, even showing the main difficulties faced. It was then perceived that there are daily struggles in which the association becomes in fact the main mobilizer for the communities to conquer their rights and affirm their identities, in an exercise of decolonization and sociocultural reformulation for the community of northern Bahia.

**Keywords:** Identity. Quilombos. Decolonization. Political organization.

---

Professor IF Sertão Pernambucano. Doutorando em Educação **1**  
(UFBA). Mestre em Educação e Cultura (UNEB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2827979747157274>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3590-9022>.  
E-mail: betoremigio@yahoo.com.br

Gestora do Núcleo de Ações Afirmativas da Secretaria de Educação **2**  
de Curaçá-BA. Especialista em Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais  
(UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7481613169810306>.  
E-mail: annegabriellesilvamartins@gmail.com

## Introdução

A etnicidade pode ser recriada, pois não é imutável, assim podendo ser construída e reconstruída pelos grupos e comunidades ao longo dos anos, segundo Quijano (2005). Canclini (2008) sinaliza essa capacidade ao afirmar que as convenções de oposição, como tradicional e moderno ou canônico e popular, desaparecem no hibridismo cultural. O colonialismo, dessa forma, consegue se entranhar na vida cotidiana dos povos subjugados e sobrevive apesar da descolonização ou da emancipação das colônias latino-americanas, asiáticas e africanas nos séculos XIX e XX, e, na mente da coletividade, recebe o *status* de colonialidade. Termo sobre o qual Quijano (2005) faz alusão à invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. Assim, insere um novo discurso no mundo do colonizado, destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as crenças, a espiritualidade, as imagens do colonizado, impondo-lhes novos elementos e construindo-lhes novas culturas.

Entende-se que as identidades dentro das comunidades quilombolas fazem parte de um processo histórico e de resistência do povo negro, como a criação dos primeiros quilombos; no entanto também é a constituição desse povo na atualidade, nas profissões que exercem hoje, na interação com as outras sociedades e culturas, permite-se assim a criação de novas etnias, ressignificando suas manifestações, contudo, mantendo os traços de sua cultura ancestral (ARRUTI, 1997; O'DWYER, 2002). Diante disso, as associações quilombolas exercem um papel importante como incentivadoras e propositoras de ideais para as comunidades entenderem, subsidiarem e afirmarem suas identidades.

O presente manuscrito busca analisar e investigar como acontece a organização política do território quilombola de Nova Jatobá a partir da Associação Quilombola e como essa organização permeia o processo de construção ou ressignificação da identidade, ancorando-se assim em uma pesquisa de campo junto aos sujeitos do território quilombola. A escrita inicia-se com um breve histórico sobre as perspectivas históricas da formação dos quilombos no Brasil, inclusive o contexto histórico de Nova Jatobá e posteriormente, tenta-se expor os reflexos da associação quilombola para as comunidades do território, inclinando-se pelo olhar de diferentes lideranças. Para tanto, utilizou-se de uma metodologia qualitativa, para realização de uma pesquisa de campo, buscando através das entrevistas compreender as diferentes falas das lideranças e o contexto em que a comunidade está inserida.

## Aspectos históricos dos Quilombos No Brasil

Os quilombos se constituíram historicamente como modelo de resistência contra o sistema escravocrata e mesmo após a abolição permanecem como espaços de construção identitária, afirmação e de ressignificação da cultura, das línguas e da religiosidade dessas comunidades. “Portanto, os quilombos são um espaço político e de afirmação de identidade étnica do povo africano, de prática de suas formas de vida originárias” (SOUSA, 2010, p.129).

Na medida em que essas terras se constituíam enquanto espaço de vida, foram então sendo denominadas de quilombos, palavra pertencente ao vocabulário africano.

O próprio termo quilombo derivaria de Kilombo, uma sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu adotada pelos invasores jaga (ou imbangala), estes formados por gente de vários grupos étnicos desenraizada de suas comunidades (REIS, 1996, p. 16).

Ao que parece, a conhecida denominação de Quilombo é ainda usada erroneamente por muitos; está ligada aos negros que fugiam das fazendas na época da escravidão no Brasil, ainda no século XVII quando os mesmos se refugiavam nas matas, em terras distantes, a salvo dos seus senhores e *capitães do mato*. Segundo Almeida (2002), essa denominação está ligada ao Conselho Ultramarino (1740), que quando foi *institucionalizado* pelo rei de Portugal: quilombos são “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada,

ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (ALMEIDA, 2002, p. 128).

Percebe-se que ainda hoje é lançado esse olhar para os quilombolas, buscando encontrar nas comunidades e nos povos os mesmos negros de um conceito de quilombo emitido no século XVIII, como se os negros ainda precisassem viver no cativeiro ou isolados do restante da população do país para então ser quilombola.

Almeida (2002) demonstra os elementos básicos para esse conceito de quilombo: 1-fuga; 2- quantidade mínima de fugitivos; 3- isolamento geográfico; 4- moradia habitual, o rancho; 5- capacidade de reprodução e de autoconsumo na figura do pilão. Perpetuou-se assim durante séculos essa definição que caracteriza para muitos ainda os quilombos no século XXI. Entretanto, posterior ao conceito arqueológico, a Constituição de 1988 buscou expressar o que se torna direito desses sujeitos, elucida assim no artigo 68 do ato das disposições constitucionais transitórias:

Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 1988).

Desse modo, os quilombolas passam a acionar um o direito à terra e os direitos básicos de cidadão, saúde, educação e condições básicas para sobrevivência – direitos esses que diariamente as comunidades precisam lutar para que consigam assegurar, revelando assim a contínua resistência dessas comunidades.

A partir dessa nova perspectiva de direitos, surgiram outros estudos sobre a conceitualização das comunidades intituladas remanescentes quilombolas, chamadas assim por sua ancestralidade nos antigos quilombos. Três décadas avançaram e muitas lutas foram travadas para garantia dos direitos do povo quilombola, entre elas o reconhecimento de uma visão mais ampla e real dos quilombos entendendo que as circunstâncias fazem com que os sujeitos acompanhem trajetórias e diferentes lutas, de modo que, se constituem os quilombos contemporâneos que vivem o presente, mas, não se esquecem do seu passado.

Para tanto, se faz necessário se desapegar de alguns conceitos que podem estar ultrapassados diante da realidade atual, considerando que o quilombo não pode ser mais encarado como a *nova senzala*. Os quilombolas, apontados como os outros, que estão em segundo plano, já que essas comunidades construíram sua própria história, têm modos de vida que somente entendendo como esses sujeitos se organizam atualmente é que se pode dizer que existe uma nova definição para quilombo, pois teremos uma realidade de referência. Como nos esclarece Almeida (2002), é necessário reinterpretar criticamente o conceito e asseverar que a situação de quilombo existe onde há autonomia, onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravos como mediador efetivo, em termos de produção e de sobrevivência. Embora, simbolicamente, tal mediação possa ser estrategicamente mantida numa reapropriação do mito do “*bom senhor*”, tal como se detecta hoje em certas condições de aforamento (ALMEIDA, 2002).

De fato, as comunidades tradicionais sempre tiveram vida própria e que hoje estão ainda mais organizadas e autônomas, ainda que menos isoladas. Em meio ao espaço coletivo que habitam, foram criadas associações, grupos culturais, economia própria e, principalmente, identidades baseadas na ancestralidade, que conseguem dar vida aos quilombos, sejam eles urbanos ou rurais. Constituindo assim novas ressignificações étnicas dentro dos quilombos contemporâneos, ultrapassando conceitos e visões arqueológicas, como corrobora Arruti (1997, p. 164) ao descrever os grupos étnicos

Falar de grupo étnico para descrever as comunidades rurais negras historicamente vinculadas aos quilombos (ou outras formas que lhe tenham correspondido) não deve levar à busca de “pequenas áfricas”, que poderia remeter a uma ideia de resistência cuja contrapartida seria a conservação e/ou o retorno ao passado. Na análise de Cohen (1974) sobre o

fenômeno da “retribalização” nas cidades africanas, o que se encontra ao explorar a etnicidade são formas de organização social em que as populações articulam antigos costumes e formas de relacionamento social com as novas regras a que estão submetidas, de uma forma dinâmica, em função de uma auto-organização.

Por isso, se faz tão relevante a investigação sobre esse processo de ressignificação das identidades a partir da organização política das comunidades. Aqui, usamos como recorte a Comunidade Remanescente Quilombola de Nova Jatobá, situada no Município de Curaçá, região norte da Bahia.

### **A Comunidade Quilombola Nova Jatobá**

As populações de Nova Jatobá e comunidades vizinhas, menores, pequenos arruados da zona rural de Curaçá, durante muito tempo foram consideradas “os negros do Jatobá”, como já elucidava o historiador Esmeraldo Lopes, em sua obra “Caminhos de Curaçá” (2000). Aos poucos, a população dessas terras foi aumentando e com o passar do tempo, as famílias negras foram formando novas casas, um pouco distantes uma das outras, de modo que, com o passar dos anos, Nova Jatobá passou a ter um território composto por sete comunidades, Caraíbas, Jatobá, Rompedor, Favela, Sombra da Quixaba, Primavera e Boqueirão. Todos esses distritos hoje estão muito próximos uns dos outros, fazendo parte de um mesmo território quilombola, como afirma o Plano Municipal de Educação

No município de Curaçá, localizada às margens do rio São Francisco, a 18km da sede, assenta-se uma área de remanescentes quilombolas, conhecida como a Nova Jatobá, tendo território reconhecido e declarado como Remanescente de Quilombo pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária / INCRA – SR-29/ MSF (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015, p. 69).

A comunidade quilombola de Nova Jatobá já recebeu diversas denominações, a ocupação da área efetivou-se em 1905 com alguns quilombolas, sendo eles Francisco Qualhada, Domingos Lopes e Antônio Lopes, que deram início a formação da comunidade. Segundo relatos de Lucilene Gonçalves da Silva, gestora da escola da comunidade, se deu o nome da mesma “Jatobá” porque existia um enorme exemplar da planta no local. Reforçando esta ideia, Esmeraldo Lopes afirma:

As margens do rio fechadas de mato. Jatobás, juazeiros, muquéns, jenipapeiros, ingazeiras, os mufumbus de calumbis, o entaçado dos cipós, matos pequenos no chão (...) Jatobá o nome do lugar (LOPES, 2000, p. 159).

Atualmente, a comunidade que sempre foi conhecida por Jatobá, é intitulada como Comunidade Remanescente Nova Jatobá. A mudança de nome ocorreu a partir das enchentes do ano de 1969 quando os moradores precisaram deixar as terras e procurar lugares mais altos para morar e plantar, já que a economia da comunidade sempre girou em torno da agricultura. Dessa forma, começaram a construir casas em um alto um pouco mais distante das águas do Rio São Francisco.

Como afirma D. Maria Isabel Ferreira, moradora da Comunidade Rompedor e uma das sócias fundadoras da associação do Jatobá, os primeiros moradores da Nova Jatobá foram Dona Raimunda, Deloia, Mundinha, Leriana e Sergia que já vinham do Jatobá antigo. Maria Isabel ainda se refere as comunidades vizinhas, Favela e Rompedor que já existiam desde a Velha Jatobá. E, segundo relatos da moradora D. Valdeci, moradora da comunidade de Nova Jatobá, após as enchentes e mudança dos moradores, o lugar ficou sendo chamado de Nova Jatobá. As primeiras casas foram sendo construídas de taipa. No início, não existia igreja, nem escola ou prédios públicos, como a associação. As pessoas se juntavam para rezar nas casas e com o

passar do tempo e a chegada de mais gente é que se criou a associação, a partir de assegurar a participação sócio-política de todos nas decisões necessárias ao desenvolvimento local.

Ainda segundo D. Valdeci, em entrevista: “Igreja não tinha não, as rezas eram de casa em casa. Dona Maria Izabel, minha madrinha, foi a enfrentante disso tudo”. De acordo com ela, o “*xangô*”, como é conhecido na comunidade o culto aos santos e orixás, começou através de sua mãe, Tumásia Maria da Conceição. A moradora nos fala ainda que:

Através dela (Tumásia) começou essas coisas aqui, ela era médium, depois dela eu fiquei brincando com isso. Muitos do centro é de minha idade, mas também tem jovens que participa. Minha família foi passando o centro de uns para outros, mãe, tia e eu (MARIA IZABEL FERREIRA, em entrevista, in: MARTINS; FLORÊNCIO, 2019, s/p).

Percebe-se pela fala da moradora da comunidade, que o “*xangô*” como eles atribuem nome a religião cultuada, é algo realmente construído a partir dos seus antepassados, passado de geração para geração, de maneira contínua, como muitas manifestações dentro das comunidades tradicionais.

Ainda sobre as raízes da comunidade, podemos nos referir as festividades locais, tendo como a mais importante e celebrada todos os anos, a Festa da Consciência Negra, ou a festa de Zumbi como já é conhecida no Município. A festa de Zumbi, é o dia de exaltação da identidade quilombola para o povo da Comunidade de Nova Jatobá, como também para muitos que não residem na comunidade, mas, se sentem parte integrante da mesma. O povo mostra suas raízes, reafirmando quem são. Uma parceria entre associação, escola e o município é feita para realização desse grandioso dia.

**Figura 1.** Apresentação cultural na Festa de Zumbi.



**Fonte:** Edilson Ferreira da Silva, 2018 (cedida).

Realizada sempre no mês de novembro, a festa conta com as apresentações culturais dos grupos existentes nas redondezas da comunidade, sambas de roda, capoeira e farinhada, como também outros grupos culturais do Município de Curaçá. Ao anoitecer acontece a festa dançante com bandas e carros de som vindos da sede do município. Esmeraldo Lopes, desde a sua escrita em Caminhos de Curaçá, já descrevia a festa do Zumbi como comemoração da identidade negra na comunidade

Fazer festa. Festa do Jatobá. Foi e veio. Chegaram: 20 de novembro, desta do rei Zumbi. Comemorar as coisas de negro, as coisas do tempo velho. O dia todo de acontecimento. Comida, danças, cantigas, apresentações, exposição das

coisas: cestos, colheres-de-pau, potes, cordas, tambores de madeira, gamelões, pilões. Velhos, meninos, visitantes. O dia todo (LOPES, 2000, p. 164).

Contudo, conforme o Sr. Edilson Ferreira da Silva, presidente da associação da Comunidade Nova Jatobá, o maior trabalho para que a comunidade tenha sido nomeada e declarada como remanescente de quilombo foi tentar fazer com que as pessoas se reconhecessem quilombolas, o que diz ser um trabalho árduo ainda atualmente. Porém, o fator que mais contribuiu para isso foi a vivência da comunidade através dessas práticas realizadas pelos seus antepassados.

### **O contexto da Associação Quilombola de Nova Jatobá**

O processo de reconhecimento da comunidade iniciou-se apenas a partir do ano de 1998, com a chegada de uma representante do Estado ao local, no intuito de fazer a análise da comunidade, inclusive com o colhimento de material genético, além de entrevistas, observação e registros fotográficos. A associação teve um papel importante, principalmente para trabalhar junto à comunidade o sentimento de pertencimento.

Compreende-se que as práticas coletivas que as comunidades realizam caracterizam a luta para a existência dessas comunidades ao longo das décadas. Mantendo vivos os seus costumes, os sujeitos quilombolas resistem continuamente em um movimento que Souza (2008) chama de *aquilombar-se*.

Uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si (SOUZA, 2008, p. 54).

A Associação de *Desenvolvimento Comunitário da Fazenda Nova Jatobá e Adjacências*, como ficou intitulada, foi constituída com a colaboração de diversos agentes, principalmente com a participação dos quilombolas nas atividades religiosas da comunidade junto à igreja católica, atividades essas que eram dirigidas pelo padre Oscar, enviado na época das Filipinas com algumas freiras, também pessoas de movimentos sociais, lideranças de partidos que transitavam entre as comunidades do Município, assim como, o sindicato dos trabalhadores rurais. Para Nova Jatobá, assim como para diversas comunidades, essas atividades que diferentes segmentos da sociedade civil se engajam para realizar junto com as comunidades são fundamentais para incentivar as pessoas das comunidades a fortalecerem seus laços para lutar por suas conquistas. Desse modo, é importante ressaltar como as associações têm um papel fundamental na organização dessa vida coletiva das comunidades quilombolas, encabeçando os movimentos de organização da vida política desses sujeitos.

**Figura 2.** Missa realizada na Associação durante a Semana da Consciência Negra.



**Fonte:** Edilson Ferreira da Silva, 2018 (cedida).

Em finais de 1988, a partir de encontros que o padre Oscar promovia nas comunidades, iniciou-se então um movimento de incentivo às primeiras reuniões, a princípio de Nova Jatobá, Favela e Rompedor e assim realizaram a primeira reunião para se falar na ideia de associação de remanescentes quilombolas. Segundo Maria Izábel, uma das sócias fundadoras da associação de Nova Jatobá, o padre sempre relatava “Aqui tem que nós fundar a associação, aí fizemos uma reunião, o terreiro ficou cheio, do Jatobá, Rompedor e Favela” e, desse modo, se iniciou a organização da associação de Nova Jatobá. Entretanto, segundo os estudos de Santos e Florêncio (2017), na última década, se constituíram mais duas associações, a segunda na comunidade de Caraíbas e a terceira na comunidade da Primavera, todas dentro do território quilombola. Caraíbas e Primavera são mais distantes de Nova Jatobá e as comunidades em seu entorno, desse modo, os moradores decidiram criar associação dentro dessas comunidades.

Edilson Ferreira da Silva, como presidente eleito da associação de Nova Jatobá, relata qual a dificuldade que sempre existiu e que ainda se enfrenta para levar a associação adiante, e muitas pessoas ainda não compreenderam o significado do uso coletivo, apesar de sempre trabalharem em mutirão nas comunidades: “ainda é difícil que todos enxerguem a terra e os bens adquiridos como de uso coletivo”.

Todo serviço que era feito era através do mutirão, se uma família fosse plantar, cada família mandava um representante para trabalhar naquele serviço... o processo individual para passar pra um processo coletivo, onde tudo é debatido e decidido pela maioria (EDILSON FERREIRA DA SILVA, em entrevista, in: MARTINS; FLORÊNCIO, 2019, s/p).

Diante desse cenário, a associação começou a buscar recursos, principalmente para esses trabalhos coletivos que os quilombolas sempre realizaram, “Nós hoje já conseguimos diversas coisas, porque antigamente como eu coloquei, não tinha, o pessoal não tinha irrigação, o pessoal trabalhava lá nas vazantes”, nos conta Edilson sobre a economia das comunidades baseada na agricultura familiar. A partir desse momento, a associação começou a se mobilizar junto aos sindicatos para conseguir recursos e apoio para organização das comunidades.

Resultando na construção da casa de farinha que é prática antiga do território quilombola de cultivo e produção de alimentos a partir da mandioca, a capela da comunidade, cursos de associativismo e cooperativismo tendo como agente formador o SEBRAE, também a escola, primeiro em um pequeno espaço e após lutas da comunidade, chegou à escola com recurso federal com arquitetura de escola modelo. Edilson acrescenta que a partir da associação houve significativa mudança dentro das comunidades: “Se a gente for olhar as condições de vida daquele povo pra hoje depois da associação, melhorou, e melhorou bastante!”, ainda frisa que

melhorou a qualidade de vida da população.

Percebendo a associação como apoio necessário à vida diária da comunidade, como agente mobilizador para organização da vida desses sujeitos, Edilson nos relata como são realizadas as reuniões, espaço onde se discute os problemas em geral, se debate o funcionamento da comunidade, como está à população e o que precisa melhorar, também fala sobre o “resgate da cultura”, a valorização da comunidade, preservação dos bens tanto da associação quanto da comunidade, por entender que esses bens são de uso coletivo: “De fato não pertence nem associação e nem poder público, mas pertence a comunidade como um todo”. Ainda se discute nas reuniões sobre educação, saúde, problemas sociais como violência, lazer e esporte:

A gente discute todos os problemas, inclusive uma das discussões nossa é sobre a questão das políticas públicas, da gente tá lutando pelas políticas públicas que é um direito nosso, e também que a gente possa dar valor e importância para que elas possam de fato ser concretizadas e que tenham bons resultados dentro da nossa comunidade (Sr. EDILSON FERREIRA DA SILVA, em entrevista, in: MARTINS; FLORÊNCIO, 2019, s/p).

Quando se fala dos quilombos com uma visão contemporânea, podemos perceber que essas comunidades estão muito vivas, assim como as lutas dentro das comunidades para concretização dos direitos, ao contrário do que erroneamente ainda se propaga que os quilombos são parte de uma população distante do mundo atual.

As associações estão em constante movimento e se atualizando, se mobilizando e organizando seus territórios com o passar dos tempos, vivendo o presente tendo como espelho de representação seus antepassados, construindo assim uma trajetória de identidades, que não única, mas diversa e plural. O modo de vida em que as comunidades do território quilombola se organizam é como eles afirmam sua existência e lutam por ela (SANTOS; FLORÊNCIO, 2017). Como diz Maria Izábel: “A gente luta mais do que o que ganha, mas se não lutar é pior”. Maria Izabel é referência no Município de Curaçá, a primeira mulher secretária da associação de Nova Jatobá e que, segundo ela mesmo com pouca leitura e escrita, foi a responsável por escrever a ata da primeira reunião da associação, assim como de muitas outras. É interessante perceber na fala de Maria Izábel, a importância de se sentir parte das atividades que são promovidas dentro da comunidade. Evidencia o papel da associação também como construtora de conhecimento, lugar em que os quilombolas têm voz e participam ativamente do processo de afirmação de suas identidades e de como é válido participar ativamente da associação:

Precisa ser ativo para ajudar, para varrer, lavar, o que tiver na associação os trabalhos a gente tá dentro. Dentro da reunião é que a gente aprende, aprendi e sou conhecida hoje em dia porque participei da associação... É muito bom, traz benefícios pra comunidade, a pessoa aprende as coisas (MARIA IZÁBEL, em entrevista, in: MARTINS; FLORÊNCIO, 2019, s/p).

Em se tratando de identidade, dentro do território quilombola, resiste um grandioso trabalho artesanal que é produzido através da mandioca, são os alimentos “quilombá” e também as “Delimani” que segundo D. Sandra Barbosa, empreendedora na comunidade, são as delícias derivadas da mandioca que a mesma produz, entre elas estão diversos bolos, sonhos, lasanhas e a conhecida cambraia, que é a tapioca em um formato redondo e consistente, assada em forno, dentre outros produtos que são comercializados na comunidade e também na sede do Município.



Figura 3. Cambraia produzida por D. Sandra Barbosa.



Fonte: Edilson Ferreira da Silva, 2018 (cedida).

Dona Sandra é moradora da comunidade do Rompedor e produtora das Delimani. Segundo ela, desde 2000 participa dos encontros, dos movimentos da comunidade, as limpezas da sede da associação, festa de zumbi, missas de São José, arrecadação de fundos para a igreja e demais atividades que a comunidade realiza. É associada desde 2002, já foi secretária em algumas gestões da associação e diz perceber que antes da associação, existiam menos condições de sobrevivência, em relação à comunicação e ao trabalho, a exemplo do curso do SEBRAE que deu a possibilidade de organização e expansão dos produtos que a comunidade já comercializava.

Assim como S. Edilson e D. Maria Izábel, D. Sandra retrata a importância da Associação para organização das comunidades, “antes da associação, a comunidade podia dizer que não tinha nada, não conseguia nada, agora depois da associação surgiram as oportunidades”. Ainda cita a aprovação de projetos para as comunidades, cestas alimentícias e recursos para plantação na comunidade o que fortaleceu a agricultura, uma prática ativa.

Pode-se perceber na prática que a mobilização quilombola se dá dentro de diferentes perspectivas. Bárbara Oliveira Souza (2008) elucida, além dos aspectos econômicos, também se constituem os aspectos identitários, culturais e sociais, que estão constantemente presentes nas lutas dentro das comunidades tradicionais, assim como no território de Nova Jatobá, onde as diferentes falas evidenciam o movimento organizado dentro das comunidades a partir da associação quilombola.

### Considerações Finais

Este trabalho proporcionou perceber diferentes realidades que se entrelaçam a favor de um único objetivo, a resistência do povo quilombola em manter seus traços, sua história e dar continuidade a sua luta, independente das dificuldades enfrentadas dentro das comunidades tradicionais, marginalizadas por séculos de colonialismo.

A priori, o objetivo dessa pesquisa foi analisar a organização do território quilombola de Nova Jatobá e como essa organização perpassava pelo processo de entendimento das identidades presentes, tais identidades estão imbricadas a organização diária dos quilombolas, se constituindo a partir do seu trabalho, dos aspectos culturais que a comunidade preserva, como também ressignificando-se a partir das atividades exercidas no dia a dia, promovidas inclusive pela associação, como anteriormente citado os cursos, capacitações, reuniões e atividades culturais realizadas.

Foi possível perceber a importância da Associação de Moradores para a mobilização das comunidades e como algumas conquistas, possíveis apenas por meio da associação, promoveram o crescimento da população em diversos aspectos, entre eles o de segurança ali-

mentar, sustentabilidade e ressignificação sociocultural e étnica, promovendo um movimento de reconhecimento, pertencimento e valorização da comunidade. Movimento este enfatizado pelo pensamento decolonial produzido pelas escolas em convênio com a associação.

A partir das falas das lideranças locais, ficou notório como não só nas conquistas acontece tal mobilização, mas diariamente, e tendo as reuniões da associação, assim como diversos momentos em que são convidados, como prática de resistência e afirmação das identidades da comunidade, que estão vivas e continuam se moldando.

Faz-se necessário dar continuidade à pesquisa, coletando dados com outros sujeitos das comunidades circunvizinhas, com as demais associações de Caraíbas e Primavera, como também alguns jovens que estão há menos tempo na associação de Nova Jatobá, expandindo assim o estudo entre as associações e a presença das diferentes identidades, a fim de perceber como os jovens quilombolas se encontram nesse processo. Pesquisas que envolvem as humanidades, as subjetividades, os múltiplos olhares, nunca estão de fato encerradas, é preciso compreender mais detalhes sobre os diversos aspectos que compõem a ideologia de descolonizar o pensamento de uma comunidade, mas as lideranças e os professores encabeçam um movimento de ressignificação étnica de extrema importância contextual, em que o elemento norteador dessa nova ordem é a associação de moradores locais.

## Agradecimentos

*Os autores agradecem a todos os homens e mulheres que fazem a Associação de Moradores de Nova Jatobá, na zona rural do município de Curaçá-BA, e dedicaram seu tempo e histórias à pesquisa e à História. Agradecimentos especiais às senhoras Maria Izábel Ferreira e Sandra Souza Barbosa, pelas histórias contadas em longas horas de aprendizado e pelos produtos registrados na pesquisa; ao senhor Edilson Ferreira da Silva, pelas histórias de “bastidores” e pelas fotografias cedidas; e ao escritor e historiador local, professor Esmeraldo Lopes, autor de diversos livros sobre a história do povoamento do norte baiano.*

## Referências

- ALMEIDA, A. W. B. **Os Quilombos e as Novas Etnias**. Rio de Janeiro. FGV. 2002.
- ARRUTI, J. M. **A emergência dos “remanescentes”**: Notas para o diálogo entre Indígenas e Quilombolas. 1997.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial. Brasília, 1988.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- LOPES, E. **A história de Curaçá, no norte baiano**. Juazeiro, Edições Independentes, 2000.
- MARTINS, A. G. S.; FLORÊNCIO, R. R. **Entrevistas**: Maria Izábel Ferreira, Edilson Ferreira da Silva, Sandra Souza Barbosa. Entrevistas realizadas entre maio e julho de 2019, Curaçá-BA.
- MELO, P. B. **Análise da Mobilização Política das Comunidades Remanescentes de Quilombos**. Dissertação de Mestrado apresentada a UNB. Brasília, 2006.
- MOURA, G. **Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros**: o currículo invisível da festa. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Terra, cultura, história, geografia**: Quilombo: Conceito. In Salto para o Futuro TV escola (org). Educação Quilombola. Boletim 10. SEED – MEC, 2007. P.9-13.
- O'DWYER, E. C. **Quilombos**: Identidade Étnica e Territorialidade. Rio de Janeiro. FGV. 2002.
- PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Plano Municipal de Educação 2015**. Secretaria de Educação do Mu-

nício de Curaçá. Prefeitura de Curaçá, 2015.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur-CLACSO, 2005.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SANTOS, C. A. B.; FLORÊNCIO, R. R. **Manifestações Religiosas no Semiárido: estudo sobre o hibridismo cultural e territorialidade no submédio São Francisco**. Revista Caribeña de Ciências Sociais, ISBN 2254-7630, vol. 05, 2017.

SOUSA, M. A. **Brasil Afro-Brasileiro: Cultura, história e memória**. 3 ed. Fortaleza: IMEPH. 2010.

SOUZA, B. O. **Aquilombar-se: Panorama Histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro**. Dissertação de Mestrado apresentada a UNB. Brasília. Setembro, 2008.

Recebido em 1º de maio de 2020.

Aceito em 6 de maio de 2020.